



# O Gaiato

Avenida



Visado pela Censura do Porto OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES Ano VI—N.º 142 Preço 1\$00

Redacção, Administração e Proprietária — Casa do Gaiato PAÇO DE SOUSA Director e Editor: — Padre Américo 6 de Agosto de 1949 Comp. e Imp. Tip. Nun'Alvares-R. Santa Catarina, 628-Porto Vales do Correio para CETE

## CARTA DO BRASIL

## Colónia de Férias

Eu disse que vinha ao Brasil cantar um cântico novo e comecei a fazê-lo um nadinha além das águas de Lisboa; foi no Funchal. Chamam-me para dizer duas palavras aos seminaristas daquela cidade e às tantas ali me apresentei. Era um salão cheio. Ao pé de mim estava um Bispo — a Igreja. Comecei por dizer aos jovens sacerdotes, que tomassem por mau o pensamento de cuidar demasiadamente da sua pessoa e dos seus interesses; e que fossem até ao ponto de fazer deste pensamento, matéria certa do sacramento da confissão. Que ao serem enviados pelo seu bispo a tomar conta de qualquer paróquia, se inteirassem em primeiro lugar das necessidades dos seus futuros paroquianos, pobres e crianças à frente; e que somente depois de ter a certeza que todos tinham caldo e pão, mandasse ele pôr a mesa na sua residência, e comesse também o seu pão. Mais. Disse mais aos jovens sacerdotes ali presentes, que se arriscariam à desgraça de cair num triste funcionalismo paroquial, em vez de apóstolos, se pusessem à frente a sua real pessoa mal-los seus reais interesses.

Chegado que fui ao Rio, tive ocasião de comunicar com o clero em uma das suas reuniões. Estava um Bispo. Pedi perdão a cada um dos presentes de subir àquelas alturas, mas a obediência ressalva; por obediência ali tinha ido. Estava ali um bispo — a Igreja. Falei da necessidade de cada homem realizar em si e suas relações com os mais, o mandamento do amor do próximo. O primeiro mandamento. O mandamento novo, na expressão de Jesus Cristo.

Amor do próximo, que seja identificação com a coisa amada; e como estávamos na América e as Filipinas são vizinhas, eu falei do P.º Damião; de como ele a tal ponto se identificou com os leprosos, que se fez leproso. Estava ali um Bispo. E' preciso interpretar à letra a frase da Escritura que manda partir o pão aos que dele precisam. O pão que alimenta a vida animal do homem. Se fossemos a fazer uma estatística, havíamos de ficar assombrados, ao verificar que nas cinco partes do mundo conhecido, a fartura de pão cabe às minorias; e o resto da humanidade não tem pão. Aqui mesmo nesta encantadora cidade do Rio e dentro dos seus muros, vivem em chiqueiros, cerca de trezentas mil almas. Alguns desses chiqueiros levantam-se a par de avenidas estupendas, orladas dos chamados arranha-céus. A tal ponto esta vista me chocou, que eu chamo uma ironia à imagem de Cristo Redentor no alto do Corcovado. Isto é doutrina nova. Eu disse que vinha ao Brasil cantar um cântico novo.

Também falei à Imprensa; foi na própria Casa da Imprensa, airosa, de muitos andares, e todos eles magestosos. Ali tornei a pedir perdão. Eu não tenho título nem ciência; só sei contar até dez e isto pelos dedos da mão. Foi ainda a obediência que ali me fez ir. Disse aos jornalistas ali presentes que escrevessem com letras grandes nas páginas da frente dos seus jornais e dissessem que o mundo já está sendo executado; que são os novos, que são as doutrinas novas que o executam por se não ter feito caso da doutrina viva e vivificante do primeiro mandamento. E' a montureira; é o chiqueiro que condena e executa. Eu disse que vinha ao Brasil cantar um cântico novo. Estava aqui reunido um congresso pan-americano de serviços sociais, que o mesmo é dizer uma Semana Social, idêntica às que em Portugal costumam realizar-se. Alguns Semanistas quiseram ir a um cinema ver passar o

documentário pa nossa aldeia; e no fim, vieram ter comigo, quentes como lume. Vinham embaraçados. Faltava-lhes a palavra; tudo eram interjeições. Eram doutores, como costumam ser todos os Semanistas e já tinham dito ou iam dizer suas teses no Congresso em questão. Eu media silenciosamente o espanto destes bons senhores e disse-lhes que dá menos trabalho realizar a obra que acabam de ver na tela, do que a elaboração preciosa das teses que no congresso se apresentam. Eles queriam que eu fosse ao Congresso, mas eu não fui. Eu estou cansado. Eu estou gasto. O pouco tempo que me resta de vida quero gastá-lo em fazer, que não em dizer. Não fui ao Congresso; se ali tivesse ido, seria de duas palavras o meu sermão: *Res non verba*, que o mesmo é dizer, *falar menos e fazer mais*. Eu vim ao Brasil cantar um cântico novo.



### De como o Zé Eduardo se tem portado

Se não fosse a adorável companhia do Zé Eduardo, tinha abreviado os meus dias no Brasil, tantas são as saudades que eu alimento, dos que lá deixei ficar. Quem alimenta alguém ou alguma coisa, necessariamente enfraquece, mas a presença e companhia do Zé Eduardo, fortalecem. O dia em que recebemos carta das nossas aldeias, deliramos aqui os dois. Lemos e relemos. Elas trazem o cheiro e o sabor e o perfume e a alegria da vida das nossas casas. Elas são o sangue dos que lá deixamos ficar.

Zé Eduardo já fez aqui muitos amigos e todos o disputam, mas eu não deixo. Ele tem o carro trado desde o Mosteiro de S. Bento, aonde eu moro, até Tijuca, onde ele mora e daqui não se afasta. Só raramente lhe dou licença para um pequeno desvio. Aqui há dias fomos a Botafogo almoçar com uma família portuguesa, com mais convidados portugueses. Comida portuguesa, música portuguesa e no fim um Rabelada de viola, ferrinhos e tambor. Ali era Portugal. A pátria não é uma ideia; é uma coisa. Ali tive que ceder. Vim-me embora e Zé ficou.

Costumam dar dinheiro ó Zé, pelo que todos os dias eu lhe espreito as algibeiras. Acaço-lhe algum, mas não todo; e com esse que fica, o Zé compra bugigangas. Compra e compra e compra.

Zé quis uma camisa, mas como era coisa mais tal, não o fez sem me pedir. Eu disse que não. Que ele tinha trazido camisas. Mas são de riscado, disse ele. Eu respondi que as minhas também são. Zé argumenta que trago a camisa coberta com a batina, que ele é um rapaz novo e que está sendo muito notado, e que tem vergonha de tirar o casaco, e que até a mim me fica mal deixá-lo andar assim, e mais, e mais e mais. Resultado: convenceu-me. Comprou uma camisa por setenta cruzeiros e umas peúgas por dezoito cruzeiros e uma gravata por vinte cruzeiros. Nunca jamais se viu gato algum de guizo ó pescoço andar mais contente e mais soberano, do que anda hoje o Zé Eduardo pelas ruas da cidade.

A's vezes saímos os dois. Se entramos numa loja a comprar fruta dizem-nos que já está pago. Se num restaurante a comer, na mesma. E de uma vez que entramos num táxi e fomos até Copaca-

Era para não se fazerem, mas sempre se fizeram. Razões fortes para as não ter feito; mais fortes venceram as primeiras. Não me alongarei a historiar-las, às colónias de férias. Mas quase bastava dever-se-lhes o ter sugerido a ideia de uma instituição permanente que continuasse aquele ambiente de a vontade e liberdade a



Colónias de Férias Estas caras não mentem Dizem mais do que o artigo

minorar a necessidade e miséria dos colonos—ideia que originou as Casas do Gaiato—para, não ter, eu ia a dizer, o direito de interromper aquela realização. Infelizmente os tempos pouco melhoraram, neste capítulo, desde S. Pedro de Alva e Vila Nova de Gaia à Snr.ª da Piedade, desde 1932 a 1949. Ainda há crianças abandonadas, daquelas que precisam de novos ares, alimentação que lhe falta, cama, lavadinha que não conhecem em casa, o restabelecimento da saúde abalada pela muita fome. Não. Não podíamos deixar de fazer colónias de férias.

Nem a Casa de Miranda com os cinquenta e tal, as obras e trabalhos; nem o Lar do ex-Pupilo com a roda de trinta e tal, muito embora espigados, nem, por isso, deixam de fazer surgir problemas deles e da casa; nem o Lar do Gaiato com vinte e tal—alguns a

Continua na 3.ª página

bana, ao puxar por uma nota de cem cruzeiros, o chauffeur disse-nos que era de Portugal... Zé Eduardo pediu-me e foi cortar o cabelo. Uma vez na cadeira, também quis fazer aquilo a que ele chama barba. Regressou indignado. Vinte cruzeiros; uma grande comedela. Veio logo à conversa o Piriquito. O Piriquito, com cheirinho e tudo não vai além de vinte e cinco tostões, e aqui vinte mil reis! Está o Moreira a ganhar. Pode ele mandar amanhã ao Brasil os que se queixarem dos preços da sua loja. Pelo que eu apurei, o que agravou o preço foi o cheirinho. Zé Eduardo mandou pôr cheirinho no cabelo e fez o mesmo quanto à barba; daí os vinte cruzeiros.

# O Senhor Comendador!



Ninguém o sabia. Foi o documento junto, encontrado no espólio de um dos seus irmãos, que o veio denunciar.

Trata-se duma brincadeira de rapazes mas que define o homem que era o Sr. Américo Monteiro de Aguiar. O Homem digno!

Aqui se revela o seu amor à Justiça e à própria honra, a sua dedicação aos amigos, espírito de camaradagem e lealdade.

Virtudes humanas que se exigem em todo o mortal, seja grego ou troiano, crente ou ateu. Por eles se distingue o Homem do animal.

Foi sobre esta base humana que vieram assentar as virtudes cristãs do Sr. Américo, a vocação franciscana, a graça do sacerdócio católico, a glória de Padre farrapeiro.

Ninguém se iluda: querer elevar o edifício ao quinto andar, sem profundos alicerces, é condená-lo a uma derrocada prematura.

São poucos os Cristãos porque muito poucos os Homens.

## Alvará

SAIBAM quantos este nosso alvará virem, que:

Tendo chegado ao nosso conhecimento o soberbo gesto de dignidade praticado pelo cidadão minhoto Américo Monteiro d'Aguiar, residente na vila do Chinde, districto de Quelimane (Zambézia), em desforço de um agravo publica e injustamente sofrido;

Considerando que actos de uma tal natureza, quando, como este, praticados sob o impulso de uma irresistível sede de justiça e desatronta são dignos de louvor e admiração;

Considerando ainda que tais actos dão, incontestavelmente, aos seus autores, um apreciativo valor moral e arrancam-n'o, em consequencia, da banalidade, impondo-os ao Universo como personalidade marcante na sociedade mundial;

Considerando mais que, alem do beneficio moral obtido, o gesto citado melhorou sensivelmente os haveres do gostante pela penafidelica conquista de uma bengala, que terá, porque assim o queremos, a devida consagração historica;

Considerando as belas qualidades morais que concorrem na pessoa do referido cidadão Américo Monteiro d'Aguiar, abstrahndo os defeitos que, para o efeito, se não contam;

Considerando mais coisas que se não dizem para não ferir a modestia do supracitado cidadão;

Havemos por bem — porque nos apraz e assim o queremos e resolvemos — nomear o cidadão Américo Monteiro d'Aguiar, Cavaleiro de Mui Nobre Ordem da Bengala condecorando-o com a Gran Cruz de Cortiça, insignia privativa da referida ordem.

Passado aos Vinte e dois dias de Janeiro de mil e novecentos e dexanove na cidade de Lourenço Marques, sede da Ordem.

Raul Leite Alprencr (?)

Manoel Dias Neves

Sebastião Paiva de Carvalho

Adriano de Carvalho

Jorge Augusto S. Trigueiro

Luis da Fonseca

Rui Medina Vasconcelos

José Simões Silva

Alberto Galhardo Ramires

Gil Medina Vasconcelos

Mais um esclarecimento: sabemos que, como cristão e mais ainda como padre, o autor do pugilato lamenta o sucedido. Sei também que ele há tempos procurou a vítima em Lisboa, para pedir-lhe perdão.

O Evangelho exigia este remate.

# Lar do ex-Pupilo

## SUA RAZÃO DE SER

(Continuação do número anterior)

Uma vez admitido na comunidade do Lar e a exercer, na vida prática, a sua profissão em qualquer ramo do comércio ou da indústria, o ex-Pupilo chega a casa depois de oito horas de labor, e sente-se na sua casa familiar. Aqui, procura enriquecer o seu espírito com conhecimentos úteis, através de revistas de técnica profissional, de livros adequados do diverso grau de cultura de cada um. Os que frequentam a escola primária, no Lar, e os que se encontram matriculados na escola nocturna do comércio ou da indústria, vão mais além com o estudo orientado, metódico e ordenado dos respectivos professores. E os que não têm preocupações intelectuais ocupam-se a fazer «carocas» — uns e outros não deixam que o tempo se perca em vãs fantasias e aproveitam-no útilmente, quer nos interesses directos e pessoais, quer na conservação e arranjo da casa. Há uma escala hierárquica de valores, que cada qual procura atingir consoante seu gosto e interesse e o mais natural possível, sem constrangimento. O ex-Pupilo sabe que não pode permanecer indefinidamente no Lar e obriga-se a reservar e a abrir caminho para outros Rapazes, deixando intacta e sem mancha a sua vaga. Dentro do Lar a vida é cristã, e a camaradagem e a solidariedade são duas notas bem características do espírito de família que predomina entre todos os habitantes da Obra. Assim se vai formando a concepção do lar particular, moldado na harmonia indestrutível que deve imperar como dogma entre todos os seus membros, afim de que a Família, unida pelos ditames da consciência e responsável pela integração da pessoa no meio social, possa ser o baluarte da Pátria.

Todas estas considerações ressaltam do corpo do artigo 3.º das Constituições do Lar, que diz:

«Acostume-se cada um dos habitantes a considerar que a Obra é mais para beneficio dos vindouros do que para si próprio, e culpe-se gravemente em sua consciência se por sua causa a comunidade haja de vir a sofrer em seus interesses morais ou materiais; sendo certo que o mal praticado por um dos membros macula e prejudica a comunidade inteira.

Compreenda cada vez mais e melhor que não está instalado em pensão, mas sim a viver na sua verdadeira e própria casa, onde encontra todo o carinho e todo o amparo que os filhos de boas famílias gozam na casa paterna.

Tenha muito amor à ordem, ao asseio e à conservação dos objectos, procurando cada um, na medida do possível, aumentar e enriquecer o património».

Para complemento, diz o artigo XI: «O habitante do Lar deve ceder lugar a outros, logo que tenha posição assegurada, e seja considerado capaz de se conduzir por si mesmo na vida, honestamente».

Assim se vai eliminando o coeficiente dos errantes, dos afeitos à vadiagem das ruas ou ao vício adquirido na falsa liberdade.

Salvam-se valores humanos, muitos dos quais entregues a si próprios e por isso perdidos no redemoinho de paixões desordenadas, e integram-se, depois de salvos, na sociedade, como cidadãos úteis.

Regra geral, não se acredita que os ex-Pupilos sejam capazes de se regenerarem, de se auto-educarem. Mas basta um estímulo numa oportunidade destas, dentro de uma casa-família que os prenda e os cative, e o rendimento social da Obra cresce, torna-se proficuo.

«A vida do Lar é uma demonstração do muito que se poderia realizar nas duas grandes cidades do país e é uma revelação do grande valor e virtude destes Rapazes».

Cada Reformatório, cada Colónia Correccional devia ter anexo um Lar baseado na orgânica do de Coimbra, onde os internados fossem dirigidos e ao mesmo tempo dirigentes, dentro de linhas superiormente definidas. Após um regime disciplinar repressivo dentro dos Estabelecimentos, reintegravam-se depois na vida prática através de uma acomodação mais ou menos gradual, evitando-se um brusco salto de um mundo fechado para um mundo aberto, onde muitos se perdem por ser demasiada a inesperada claridade e liberdade.

HERLANDER

(Continua)

# Colónia de Férias

Continuação da 1.ª página

passar o Cabo das Tormentas e a atormentar-nos a nós; e outros bebés—todas estas Casas a consumir-nos as horas de trabalho e descanso—nem tudo isto podia obstar à realização das mesmas em prol dos que deviam estar nas Casas do Gaiato, pois são dos tais.

A Obra da Rua «é a voz de um coração que vive e que sente a vida e a sorte dos chusmas infantis, a vender jornais nas ruas, a tirar lixo das latas, a guiar cegos nas feiras, a ir pela sopa aos quarteis; e sobretudo, os dados à moínice, viciados, pervertidos pela família e pela sociedade, a chupar pontas de cigarro—prólogo dos grandes crimes».

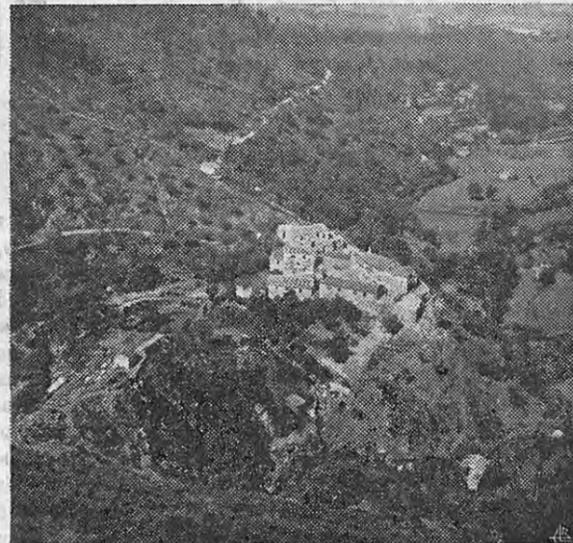
Ora se a Obra da Rua deixasse de viver e de sentir esta vida e esta sorte deixaria de ter coração. E, como os homens, também as obras sem coração, são mortas. Perderia o nome, deixaria de existir, pois é da Rua. Deixaria de ser o que é, de falar a quem fala, de encontrar eco noutros corações que sentem e vivem a sorte dos irmãos desprotegidos.

Se grande é a legião dos famintos, maior seria ainda; se desolador o caminho que levam tantos dos discípulos desta escola com a ajuda de meios que deviam servir para os erguer e mais os afundam e mais desolador se não se fizesse o possível e mais do que o possível por arrancar muitos a esta senda de brutalização e de crime.

Todos os dias chovem pedidos de todos os lados. Todos pintam negra a sorte deste e daquele pequenito. Isto doe tanto!

Doi havê-los assim, muito mais não lhes poder valer.

Ao menos as colónias de férias, nos vinte dias procuram minorar este sofrimento, esta tortura de morrer aos poucos ás garras da fome. Raro que não en-



Buçaco? — Não!

Senhora da Piedade — Lar das Colónias dos garotos da ruas de Coimbra

gordem dois, três e mais quilos. Até acontece ter que se lhes dar roupa, por os farrapos que levaram, ou não servirem, ou terem ficado aos poucos pelos rochedos e encostas.

Como poderíamos não fazer colónias? Como poderíamos não as fazer, se naquele dia, há tantos anos, em que Padre Américo descia os degraus irregulares, escorregadios e escuros, de visitar aquele tipógrafo revoltado, desorente dos homens, num catre dumas águas furtadas, mesmo assim, podia dizer: «já não necessitava de luz que outro clarão me iluminava. Entrou na minha alma uma ideia criadora, fiz-me desde aquela hora um revolucionário e nunca mais tive paz!».

Meses antes já os garotos nos perguntam quando vão, recomendam seus nomes, preferem turno. Andam afeitos. Conhecem-nos, estimam-nos, chamam-nos pelo nome, informam das suas vidas e das dos seus, aceitam conselhos e prometem cumprir.

Que dizer das horas grandes da partida, dos empenhos, das lágrimas, das batotas e dos truques?

Que dizer do bulfoio ás janelas das carruagens, das cantigas, da algazarra, do empoleiramento nos bagageiros? Que dizer do panelão a meio do refeitório a fumar o qual, por muito grande e muito cheio nunca chega nos primeiros dias; do pão cozido lá, por um gaiato do seu tamanho que já foi da sua rua; do ar, dos ribeiros, das cascatas, da sombra dos castanheiros, da maravilhosa água, da fogueira no largo à noite, dos saltos e descantes—de tudo?

Não. Não podemos deixar de fazer colónias, porque o revolucionário, desde aquela hora, nunca mais teve paz.

P.ª MANUEL.

P. S.—Muito grato aos Snr. engenheiro e aos seminaristas e mais que nos ajudaram nos trabalhos das ditas. Que Deus lhes pague.

# O Senhor Comendador!



Ninguém o sabia. Foi o documento junto, encontrado no espólio de um dos seus irmãos, que o veio denunciar.

Trata-se duma brincadeira de rapazes mas que define o homem que era o Sr. Américo Monteiro de Aguiar. O Homem digno!

Aqui se revela o seu amor à Justiça e à própria honra, a sua dedicação aos amigos, espírito de camaradagem e lealdade.

Virtudes humanas que se exigem em todo o mortal, seja grego ou troiano, crente ou ateu. Por eles se distingue o Homem do animal.

Foi sobre esta base humana que vieram assentar as virtudes cristãs do Sr. Américo, a vocação franciscana, a graça do sacerdócio católico, a glória de Padre farrapeiro.

Ninguém se iluda: querer elevar o edifício ao quinto andar, sem profundos alicerces, é condená-lo a uma derrocada prematura.

São poucos os Cristãos porque muito poucos os Homens.

## Alvará

SAIBAM quantos este nosso alvará virem, que:

Tendo chegado ao nosso conhecimento o soberbo gesto de dignidade praticado pelo cidadão minhoto Américo Monteiro d'Aguiar, residente na villa do Chinde, districto de Quelimane (Zambesia), em desforço de um agravo publica e injustamente sofrido;

Considerando que actos de uma tal natureza, quando, como este, praticados sob o impulso de uma irresistível sede de justiça e desatronta são dignos de louvor e admiração;

Considerando ainda que tais actos dão, incontestavelmente, aos seus autores, um apreciativo valor moral e arrancam-n'o, em consequencia, da banalidade, impondo-os ao Universo como personalidade marcante na sociedade mundial;

Considerando mais que, alem do beneficio moral obtido, o gesto citado melhorou sensivelmente o haveres do gostante pela penafidéllica conquista de uma bengala, que terá, porque assim o queremos, a devida consagração historica;

Considerando as belas qualidades morais que concorrem na pessoa do referido cidadão Américo Monteiro d'Aguiar, abstraindo os defeitos que, para o efeito, se não contam;

Considerando mais coisas que se não dizem para não ferir a modestia do supracitado cidadão;

Havemos por bem — porque nos apraz e assim o queremos e resolvemos — nomear o cidadão Américo Monteiro d'Aguiar, Cavaleiro de Mui Nobre Ordem da Bengala condecorando-o com a Gran Cruz de Cortiça, insignia privativa da referida ordem.

Passado aos vinte e dois dias de Janeiro de mil e novecentos e dezanove na cidade de Lourenço Marques, sede da Ordem.

Raul Leite Alprencer (?)

Manoel Dias Neves

Sebastião Paiva de Carvalho

Adriano de Carvalho

Jorge Augusto S. Trigueiro

Luis da Fonseca

Rui Medina Vasconcelos

José Simões Silva

Alberto Galhardo Ramires

Gil Medina Vasconcelos

Mais um esclarecimento: sabemos que, como cristão e mais ainda como padre, o autor do pugilato lamenta o sucedido. Sei também que ele há tempos procurou a vítima em Lisboa, para pedir-lhe perdão.

O Evangelho exigia este remate.

# Lar do ex-Pupilo

## SUA RAZÃO DE SER

(Continuação do número anterior)

Uma vez admitido na comunidade do Lar e a exercer, na vida prática, a sua profissão em qualquer ramo do comércio ou da indústria, o ex-Pupilo chega a casa depois de oito horas de labor, e sente-se na sua casa familiar. Aqui, procura enriquecer o seu espírito com conhecimentos úteis, através de revistas de técnica profissional, de livros adequados do diverso grau de cultura de cada um. Os que frequentam a escola primária, no Lar, e os que se encontram matriculados na escola nocturna do comércio ou da indústria, vão mais além com o estudo orientado, metódico e ordenado dos respectivos professores. E os que não têm preocupações intelectuais ocupam-se a fazer «carocas» — uns e outros não deixam que o tempo se perca em vãs fantasias e aproveitam-no útilmente, quer nos interesses directos e pessoais, quer na conservação e arranjo da casa. Há uma escala hierárquica de valores, que cada qual procura atingir consoante seu gosto e interesse e o mais natural possível, sem constrangimento. O ex-Pupilo sabe que não pode permanecer indefinidamente no Lar e obriga-se a permanecer e a abrir caminho para outros Rapazes, deixando intacta e sem mancha a sua vaga. Dentro do Lar a vida é cristã, e a camaradagem e a solidariedade são duas notas bem características do espírito de família que predomina entre todos os habitantes da Obra. Assim se vai formando a concepção do lar particular, moldado na harmonia indestrutível que deve imperar como dogma entre todos os seus membros, afim de que a Família, unida pelos ditames da consciência e responsável pela integração da pessoa no meio social, possa ser o baluarte da Pátria.

Todas estas considerações ressaltam do corpo do artigo 3.º das Constituições do Lar, que diz:

«Acostume-se cada um dos habitantes a considerar que a Obra é mais para beneficio dos vindouros do que para si próprio, e culpe-se gravemente em sua consciência se por sua causa a comunidade haja de vir a sofrer em seus interesses morais ou materiais; sendo certo que o mal praticado por um dos membros macula e prejudica a comunidade inteira.

Compreenda cada vez mais e melhor que não está instalado em pensão, mas sim a viver na sua verdadeira e própria casa, onde encontra todo o carinho e todo o amparo que os filhos de boas famílias gozam na casa paterna.

Tenha muito amor à ordem, ao asseio e à conservação dos objectos, procurando cada um, na medida do possível, aumentar e enriquecer o património».

Para complemento, diz o artigo XI: «O habitante do Lar deve ceder lugar a outros, logo que tenha posição assegurada, e seja considerado capaz de se conduzir por si mesmo na vida, honestamente».

Assim se vai eliminando o coeficiente dos errantes, dos afeitos à vadiagem das ruas ou ao vício adquirido na falsa liberdade.

Salvam-se valores humanos, muitos dos quais entregues a si próprios e por isso perdidos no redemoinho de paixões desordenadas, e integram-se, depois de salvos, na sociedade, como cidadãos úteis.

Regra geral, não se acredita que os ex-Pupilos sejam capazes de se regenerarem, de se auto-educarem. Mas basta um estímulo numa oportunidade destas, dentro de uma casa-família que os prenda e os cative, e o rendimento social da Obra cresce, torna-se profícuo.

«A vida do Lar é uma demonstração do muito que se poderia realizar nas duas grandes cidades do país e é uma revelação do grande valor e virtude destes Rapazes».

Cada Reformatório, cada Colónia Correccional devia ter anexo um Lar baseado na orgânica do de Coimbra, onde os internados fossem dirigidos e ao mesmo tempo dirigentes, dentro de linhas superiormente definidas. Após um regime disciplinar repressivo dentro dos Estabelecimentos, reintegravam-se depois na vida prática através de uma acomodação mais ou menos gradual, evitando-se um brusco salto de um mundo fechado para um mundo aberto, onde muitos se perdem por ser demasiada a inesperada claridade e liberdade.

HERLANDER

(Continua)

# Colónia de Férias

Continuação da 1.ª página

passar o Cabo das Tormentas e a atormentar-nos a nós; e outros bebês—todas estas Casas a consumir-nos as horas de trabalho e descanso—nem tudo isto podia obstar à realização das mesmas em prol dos que deviam estar nas Casas do Gaiato, pois são dos tais.

A Obra da Rua «é a voz de um coração que vive e que sente a vida e a sorte dos chusmas infantis, a vender jornais nas ruas, a tirar lixo das latas, a guiar cegos nas feiras, a ir pela sopa aos quarteis, e sobretudo, os dados a moínice, viciados, pervertidos pela família e pela sociedade, a chupar pontas de cigarro—prólogo dos grandes crimes».

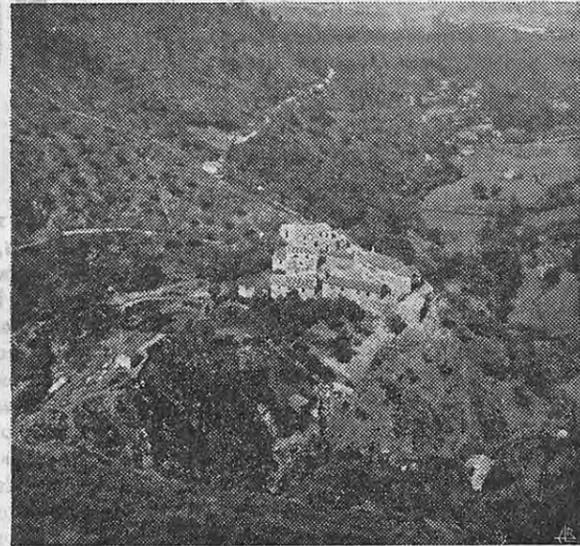
Ora se a Obra da Rua deixasse de viver e de sentir esta vida e esta sorte deixaria de ter coração. E, como os homens, também as obras sem coração, são mortas. Perderia o nome, deixaria de existir, pois é da Rua. Deixaria de ser o que é, de falar a quem fala, de encontrar eco noutros corações que sentem e vivem a sorte dos irmãos desprotegidos.

Se grande é a legião dos famintos, maior seria ainda; se desolador o caminho que levam tantos dos discípulos desta escola com a ajuda de meios que deviam servir para os erguer e mais os afundam e mais desolador se não se fizesse o possível e mais do que o possível por arrancar muitos a esta senda de brutalização e de crime.

Todos os dias chovem pedidos de todos os lados. Todos pintam negra a sorte deste e daquele pequenito. Isto doe tanto!

Doi havê-los assim, muito mais não lhes poder valer.

Ao menos as colónias de férias, nos vinte dias-procuram minorar este sofrimento, esta tortura de morrer aos poucos ás garras da fome. Raro que não en-



Buçaco? — Não!

Senhora da Piedade — Lar das Colónias dos garotos da ruas de Coimbra

gordem dois, três e mais quilos. Até acontece ter que se lhes dar roupa, por os farrapos que levaram, ou não servirem, ou terem ficado aos poucos pelos rochedos e encostas.

Como poderíamos não fazer colónias? Como poderíamos não as fazer, se naquele dia, há tantos anos, em que Padre Américo descia os degraus irregulares, escorregadios e escuros, de visitar aquele tipógrafo revoltado, descrente dos homens, num catre dumas águas furtadas, mesmo assim, podia dizer: «já não necessitava de luz que outro clarão me iluminava. Entrou na minha alma uma ideia criadora, fiz-me desde aquela hora um revolucionário e nunca mais tive paz!..»

Meses antes já os garotos nos perguntam quando vão, recomendam seus nomes, preferem turno. Andam afeitos. Conhecem-nos, estimam-nos, chamam-nos pelo nome, informam das suas vidas e das dos seus, aceitam conselhos e prometem cumprir.

Que dizer das horas grandes da partida, dos empenhos, das lágrimas, das batotas e dos truques?

Que dizer do bulício às janelas das carruagens, das cantigas, da algarroa, do empoleiramento nos bagageiros? Que dizer do panelão a meio do refeitório a fumejar o qual, por muito grande e muito cheio nunca chega nos primeiros dias; do pão cozido lá, por um gaiato do seu tamanho que já foi da sua rua; do ar, dos ribeiros, das cascatas, da sombra dos castanheiros, da maravilhosa água, da fogueira no largo à noite, dos saltos e descostas—de tudo?

Não. Não podemos deixar de fazer colónias, porque o revolucionário, desde aquela hora, nunca mais teve paz.

P. MANUEL.

P. S.—Muito grato aos Snr. engenheiro e aos seminaristas e mais que nos ajudaram nos trabalhos das ditas. Que Deus lhes pague.

# Isto é a Casa do Gaiato

## Uma carta do Avelino

Paço de Sousa, 19-7-949

Pai Américo:

Por cá tudo vai ótimo.

Recebi sua carta de 12 do corrente, pela qual eu vi que ainda não tinha recebido a minha última, escrita em 13.

Junto com esta ia também uma do Sédias. Soube também que o Carlos e o Júlio lhe tinham escrito e que lhe tinham mandado Pormonta por avião. O Júlio e o Amadeu, já fizeram alguns exames. O Amadeu vai indo bem, e o Júlio diz-me que lhe corre formidável!! Em estenografia e dactilografia espera ter um 18.

Diz ainda que fez a carta comercial de 1.000 espços em 7 minutos e que o professor não queria que ele fizesse tam depressa. Foi o primeiro de todos.

Ca os da 4.ª classe já ficaram três distintos que são eles: António Sapateiro, Pernas e Joaquim Carpinteiro, e os outros ficaram aprovados. Ainda faltam uns cito para fazerem exame.

A «Nossa Tipografia» vai indo às mil maravilhas.

Já está quasi montada. Fica um monstro.

Para a semana que vem se Deus quizer, virá a minerva, o tipo, e mais peças miúdas inclusive uma máquina de cozer os livros e uma de picotar.

O Senhor Padre Adriano manda dizer que recebeu as suas cartas e que não se preocupe, porque cá está tudo a correr muito bem. Que descanse. Que armazene forças. Ele está para ir amanhã a Lisboa ver uma quinta que nos querem dar para os lados do Estoril. Já escrevi para a Régua.

Para a próxima carta lhe contarei o que há a respeito da consoladela de uvas. Como já deve saber, pela minha última carta, nos dias 16, 17 e 18 fizemos um pequeno retiro espiritual. Também foi uma consoladela, mas uma consoladela diferente, muito diferente da de uvas. Foi uma consoladela que nos encheu a alma e o coração de bons propósitos e resoluções.

Gostei tanto destes três dias, que tive pena de ser tam pouco. Depois o Senhor Padre Vernochi é um cómico. Diz-nos tudo dum certa forma que nós não nos enfadamos de o ouvir. O Adriano da Confiança também veio assistir ao retiro por sua livre vontade. Suspendeu-se-lhe os castigos para ele entrar outra vez na Casa se quizer. Vamos a ver se ele faz.

A Venda do jornal n.º 140 foi formidabilíssima!!! Nunca se conseguiu vender tantos jornais até á data. 4052 foi o total no Porto com a receita de 6.000\$00.

Vai-se chegar a pontos de não haver palavras para a gente se exprimir. E por último, (já estou a ser bastante extenso com esta, não?) a nova bicicleta que veio é verde. É uma Imperium. Foi para o serviço da casa. Está na mão do Sajaquim. Graças a Deus ainda mais ninguém foi contra o portão! Certamente o Zé Eduardo já lhe disse:

Hum!!! Os da redacção são capazes de a amarfanhar, não? E esta dou-a por terminada. Recoba saudades e abraços de todos os senhores e rapazes. Este seu amigo.

AVELINO

**T**INHAM soado as trindades na torre do mosteiro de Egas Moniz. O fátisca puxou também pela corda, e o sino da nossa capela ecoou pela aldeia anunciando o fim do movimento do dia. O sol que estivera abrazador tinha desaparecido no horizonte, deixando atrás de si uma estrada de côr escarlate; a lua despontava discretamente, por detrás da serra de Calves. Cento e setenta rapazes sentam-se nos degraus da escadaria do cruzeiro e da capela. Dentro o calor era ainda sufocante. Corre agora uma suave briza que regala.

Começou o terço entoado pelo chefe. O coro alterna a uma só voz! «O pão nosso de cada dia nos dai hoje». Todos tinham o estômago composto e o ruído monótono do moinho que se ouve ao longe, é sinal de que a nossa oração foi ouvida e que também para amanhã o pão está garantido.

O Top e o Marão dormem tranquilos aos pés dos batatas. Estes por sua vez, carinhosamente reclinados no colo dos maiores, também dormem angélicamente. Pintos de papo cheio regressam à capoeira.

Terminou o terço. O chefe pede mais uma A. M. pela saúde e feliz regresso do Pai Américo.

Divinal aquela hora!

Ninguém queria arredar: está se aqui tão bem!

Vamos cantar, pedem à uma. E cantam, cantam, cantam.

Quem não reza priva-se da maior consoladela que na terra se pode disputar.

**N**OTÍCIAS chegadas de Coimbra, dizem-nos que o Filipino acaba de contrair Matrimónio, no Santuário de Fátima.

Teve as suas crises de amor, este Filipino. A certa altura, desiludido, lançou terrível anátema sobre todas as mulheres: «são todas umas interesseiras, fingidas e traidoras! nunca mais hei-de casar»!

Mas quem pode dizer: desta água não beberei? Afinal, sem querer e sem procurar, encontrou uma que não era

nada disso, e tinha todas as boas qualidades que ele sonhava. E casou. Agora que sejam muito felizes!

**O** nosso moinho esteve parado todo o sábado por falta de energia eléctrica. A boroa acabara-se no domingo à noite e, na manhã de 2.ª feira, 200 bocas estavam prontas a rilhar.

Antes da meia noite, respeitando o descanso do dia do Senhor, não devia começar o trabalho. Quando a última badalada se ouviu na torre, o Maximiano carregou no botão. O moinho começou a girar e ás duas da manhã estavam moídos os quatro alqueires.

Às três fui ver o movimento da padaria.

O lume crepitava no forno; em frente, o Maximiano amassava ainda, alagado em água. O suor caia-lhe em bica, dentro da massa que ele revolia.

Nunca tão verdadeira a sentença do Génesis: comerás o pão com o suor do teu rosto.

## Notícias da Casa do Gaiato de Lisboa

### Tristezas

Dos 61 que falamos neste último número, um já se foi embora. O pai dele costumava vir cá, de quinze em quinze dias mas, sempre um pouco embriagado. Como neste domingo que cá veio era a feira de Loures, pegou nele e levou-o. O rapaz tem 7 anos e já cá estava quasi há um ano. Foi baptizado na nossa Casa e tinha como madrinha de baptismo a nossa governante e como padrinho o Manuel padreiro — o «chefe».

O pai dele, contou-me que já percorrerá a pé, quasi todo o país, com o filho, porque, era negociante de frascos. Deve ser verdade porque quando nós vínhamos da venda do Famoso o encontramos a pé com o pai. Agora, é capaz de seguir o officio dele, se não voltar.

Temos pouca sorte com os bebados. E' já o 3.º com quem isto sucede.

### Comidas da nossa Casa

A venda do Famoso vai a desenvolver-se cada vez mais. Agora já vamos aos Caminhos de Ferro e o Octávio foi aos Refeitórios da F. N. A. T. e vendeu menos mal. Foi muito bem recebido. Daram-lhe uma caneta de tinta permanente, nas seguintes condições: — Se fores capaz de passar o que está aqui escrito neste papel para outro, levas a caneta; se não fores capaz, não a levas. Ele escreveu tudo e trouxe a caneta embrulhada no tal papel. Chegou cá todo contente com ela, mas, esoreveram-lhe por baixo do nome dele: Um Parolo. Ele foi procurar quem entendesse o que ali estava escrito.

Quando lhe leram, ele diz:—Oh! que chatice esta!...

### O Pernas de Fantasma

Que é o que serve à mesa das Senhoras, de repente, repara que se não lavou. Então, deixa as Senhoras à mesa e raspa-se da obrigação em que está. Uma delas chama-o:—Pernas!—Estou a lavar-me, minha Senhoral... E o «Pernas» aparece à porta nu da ointura para cima, e todo cheio de sabão e muito aflito da demora. Foi um dia de riso.

### Bola

Fomos jogar ao campo do Atletico do Tojal, com as reservas e fomos batidos por 7-5. Quando acabou a primeira parte, estávamos nós a vencer por 4-3, mas, à segunda, conseguiram ganhar, isto é, meteram mais 4 bolas e nós 1.

Temos jogadores que se o Sporting ou o Benfica soubessem, vinham cá buscá-los...

## Notícias de Coimbra

**1 VENDA DO FAMOSO.** A venda do famoso em Coimbra tem sido muito fraca. Nesta última quinzena venderam-se nesta mesma cidade, 180 exemplares e os acréscimos foram poucos; mas, nós já sabemos que a gente de Coimbra vai, nesta altura para a praia e por isso fomos procurar os fregueses à Figueira da Foz. Venderam-se 235 exemplares e juntaram-se muitos acréscimos.

Apesar de serem ainda muito pequenos, o Abel e o Victor saíram-se bem.

**2 VISITANTES E OFERTAS** Já cá vieram mais duas famílias visitar a casa e deixaram uma 100\$00 e outra 20\$00.

Alguns benfeitores, como não podem vir visitar-nos, visto esta estar muito escondida, têm deixado ofertas no estabelecimento do Sr. Porfírio Delgado, o qual tem sido

muito nosso amigo e no qual está empregado o Ernesto, interprete do documentário «Aldeia dos Rapazes».

Também um amigo da Obra nos deu um galo para ver se a capoeira fica cheia.

**3 RAPAZES NOVOS**—Chegou há dias um rapaz de Castelhinho, perto de Cernache do Bonjardim e anda com muitas saudades da família e por isso quer-se ir embora mas nós vamo-lo intertendo dizendo-lhe hoje que vai amanhã, amanhã que vai depois etc.

Veio também de Miranda do Corvo o Leiria que já está empregado na «Importadora».

**4 ANIMAIS**—Nasceu uma ninhada de coelhinhos e outra de patinhos.

Coelhinhos, nasceram sete mas como morreu um, só temos seis; patinhos, nasceram nove mas o gato comeu um e outro já está quasi cego.

**5 CALINADA**—Quando o Pai Américo partiu para o Brasil estavam todos a conversar quando o Ernesto se sai com esta: E se os alti-metros do barco avariaram?

Como era de contar, foi uma risota pegada.

**6 ENFERMO**—Depois de estar quasi um mês no hospital, o João Carlos chegou já forte, rijo e valente para tornar a tomar conta do seu lugar na firma «Costa & Rodrigues».

O cronista  
Carlos Inácio